

# História, Literatura e Memória nos escritos de José Lutzenberger

History, Literature and Memory on the writings of José Lutzenberger

**Milena Kunrath**

Doutora em Letras (PUCRS)

Professora na Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)

milena.kunrath@gmail.com

**João Hecker Luz**

Doutor em História (PUCRS)

Professor na rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul.

anacristina@cchl.uespi.br

**Recebido:** 28/07/2025

**Aprovado:** 01/12/2025

**Resumo:** Este artigo analisa o papel do testemunho, aqui especificamente das memórias escritas pelo arquiteto alemão José Lutzenberger, nas disciplinas de História e Literatura. Os escritos do alemão, que imigrou para Porto Alegre nos anos 1920, depois de ter lutado na Primeira Guerra Mundial, pretendem-se um relato fiel à realidade, mas os analisamos aqui (embora o texto ainda não esteja publicado) como uma narrativa de testemunho e um apoio à historiografia, com o apoio de teóricos com Ricoeur, Sarlo e Le Goff. A narrativa das experiências foi escrita com a finalidade de apresentar a vida pregressa do autor à sua descendência, mas, além de procurar ancestrais, Lutzenberger desvenda sua personalidade e enriquece a história local contando fatos que vivenciou dos lugares por onde passou.

**Palavras-chave:** Memória; Literatura; José Lutzenberger.

**Abstract:** This article analyses the role of testimony - in this case specifically the memoirs written by German architect José Lutzenberger – in the fields of History and Literature. The writings of the German author, who emigrated to Porto Alegre in the 1920s, after having fought in World War I, present themselves as a faithful picture of reality, but here we analyze them (although the manuscript has not yet been published) as a testimony narrative and a support to historiography, with the help of theorists such as Ricoeur, Sarlo and Le Goff. The narrative of his experiences was written with the purpose of presenting the author's previous life to his offspring. However, besides seeking out his ancestors, Lutzenberger unravels his personality and enrichens the local history by telling facts he experienced in places he visited.

**Keywords:** Memory; Literature; José Lutzenberger.

José Lutzenberger, nascido Joseph Franz Seraph Lutzenberger e tendo vindo ao mundo em 13 de janeiro de 1882, em Altötting, Alemanha, foi um arquiteto e engenheiro que migrou para o Brasil. Casou-se e aqui acabou se estabelecendo e criando a descendência. Foi responsável pela construção de algumas importantes obras arquitetônicas conhecidas dos gaúchos moradores da capital, como a Igreja [católica] Alemã São José, o Orfanato Pão dos Pobres e o Palácio do Comércio, todos esses prédios de grande porte e localizados em Porto Alegre (RS), cidade que escolheu para morar. Também foi professor do Instituto de Artes, hoje parte integrante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, provavelmente seria mais conhecido por ter sido o pai da celebridade local, o ambientalista José Lutzenberger. Para este artigo, porém, nos interessam as memórias que deixou escritas para os filhos e o entendimento de sua experiência no evento mais marcante de sua vida, a Primeira Guerra Mundial.

Embora o relato de Lutzenberger ainda não esteja publicado, acreditamos que seus escritos façam parte do gênero hoje conhecido como narrativas de testemunho. Segundo Gagnebin, tal categoria “(...) se coloca com força em toda literatura moderna e contemporânea, nas discussões históricas e historiográficas e na reflexão filosófica atual — chamada ou não de “pós-moderna” — sobre “o fim das grandes narrativas” (2009 [2006], p. 49). Podemos ainda acrescentar que, mesmo que a intenção do autor tenha sido narrar os fatos de sua vida “(...)”, em termos de teoria da literatura e no âmbito do gênero memorialístico, considera-se a memória também como ficção, podendo ser simulada, encenada, representada, sem que ocorra uma autêntica rememoração por parte do sujeito que narra.” (Umbach, 2012, p. 219). Para aqueles que não se interessam pelas anedotas pessoais do autor, resta o panorama da guerra vista de dentro por uma participante ativo.

A escritura das lembranças de Lutzenberger tem a intenção de contextualizar sua trajetória pregressa e desconhecida para a sua prole, relatando assim [suas] Memórias ocultas. Ou seja, um texto onde a memória é a questão principal. Mas temos ali apenas a experiência vivida e nada mais?

A narrativa autobiográfica tem ligações com a história como com a ficção, pois os processos de recordar, na constituição da memória, implicam uma teoria ficcional. Ficção no sentido etimológico de fictio, criação, e não de falseamento, pois a autobiografia se estrutura como relato construído a partir de uma relação pessoal percebida como autêntica e não ficcional, que se projeta no campo do conhecimento histórico pela busca do saber e da compreensão, no campo da ação de compartilhar uma experiência [própria], e no campo da arte por se tratar de uma narrativa literária (Silva, 2012, p. 51-2).

Lutzenberger quer deixar registrados a sua anterioridade, o período vivido antes da sua imigração para o Brasil, essa tida inicialmente como “temporária”<sup>1</sup>. Nisso o autor é bastante enfático, fazendo questão de procurar as origens comuns de todos os seus antepassados conhecidos, aprofunda-se numa minuciosa busca documental<sup>2</sup>. Pode assim destacar sua orgulhosa origem germânica – ainda que observe que “(...) a família nunca conheceu muita celebridade.” (Lutzenberger, 1935, p. 3) –, algo bem apropriado para o momento em que as memórias foram escritas.

Porto Alegre, 1929

Com estas linhas, meus filhos e talvez netos, quero contar-vos de tudo o que tornou-se conhecido para mim, em parte pela minha própria lembrança, em parte a partir dos registros e histórias sobre nossos antepassados.

Também quero contar sobre os altos e baixos da minha própria vida, como eu, depois de uma juventude feliz, esperança de anos de trabalho, orgulhosos, porém difíceis e tristes anos de revolução e Pós-guerra, fui trazido da minha velha e amada pátria natal aqui, na vossa nova pátria. (...) Já que o Nosso Senhor os fez brasileiros, como me deixou ser alemão, vocês devem ser então bons cidadãos da vossa pátria, mas além disso honrar também a língua e modos dos vossos pais. Joseph Lutzenberger (Lutzenberger, 1935, p. 1).

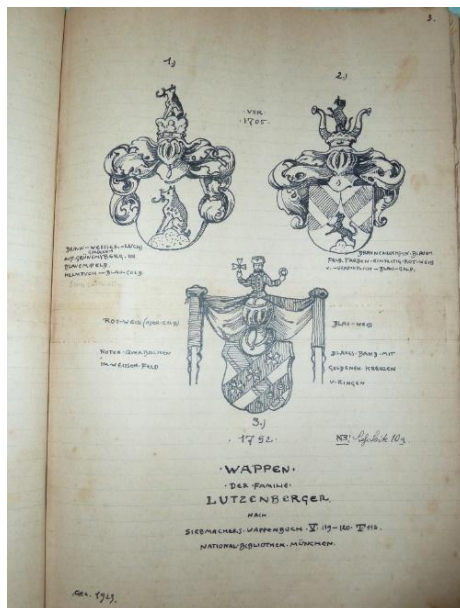
Talentoso artista, Lutzenberger escreve suas memórias em alemão, de forma desenhada e ilustrada em bico de pena, como se pode visualizar na figura abaixo (01).

---

<sup>1</sup> Em sua trajetória Lutzenberger já havia feito algumas viagens de “intercâmbio”. E via a sua ida ao Brasil como algo temporário que o possibilitaria conhecer uma nova cultura e distanciar-se por um período da Alemanha derrotada na Primeira Guerra Mundial.

<sup>2</sup> Sua pesquisa se deu principalmente na Biblioteca Nacional de Munique (Bavária), entre outras obras citadas ele fala do livro de brasões *Siebmacher* V 119 - 120 T112 (Lutzenberger, 1935:3)

Figura 01 que dá mostra das habilidades artísticas do Arquiteto



Fonte: Lutzenberger, 1935 (arquivo da família)

Criado numa família de tipógrafos que, durante gerações, conduziu uma bem sucedida gráfica em sua terra natal, decidiu não seguir a vocação familiar. Há muito orgulho nessa trajetória, nota-se que transborda ao longo do relato:

A tipografia era anteriormente, antes da introdução da liberdade de atividade econômica, não apenas um negócio prestigioso, mas tinha também ainda algo da aura da "arte negra"<sup>3</sup> em si, ela ainda valia como arte e seus portadores possuíam ainda certos privilégios, (...) os tipógrafos itinerantes entravam na loja do meu pai com a saudação “Deus salve a arte” (...). É claro que a reputação geral era reforçada pelo fato de que, naturalmente, os respectivos proprietários de tipografias eram também, ao mesmo tempo, editores dos jornais, e ainda representantes do modesto jornalismo daquele tempo (Lutzenberger, 1935, p. 8)

O arquiteto opta por não seguir o ofício familiar, embora acabe, de certa forma, dedicando-se à arte. Ao longo da narração, observa-se ressentimento pela finalização do negócio da família. Sabemos disso pois ele faz questão de indicar na sua genealogia quem foi responsável pela manutenção da gráfica, geração por geração, omitindo-se de tal responsabilidade. Contudo, acreditamos que, de certa forma, ele manteve contado com as artes “aplicadas”, não se esquecendo de todo das lições que aprendera com o pai – Não só as habilidades manuais específicas, mas um apurado senso estético, que

<sup>3</sup> *Schwarzkunst*, Arte Negra, como a tipografia, arte da impressão também é conhecida no meio por causa da tinta da impressão. (N.T.)

fez uso em seu novo ofício de arquiteto. Ao final da guerra, com a crise dos anos 1920 na Alemanha, o irmão que havia assumindo o negócio acaba vendendo-o a preço de banana. Lutzenberger então, que se recusou a assumir a tradição familiar e conduzir a tipografia, também não aprovou a escolha do irmão. Sobre este, escreve:

(...) mais tarde tipógrafo e finalmente recebeu o negócio paterno, conduziu alguns anos com sucesso, ainda que sob constantes controvérsias com pai e vendeu finalmente o negócio, supostamente por causa de doença, perdeu o valor logo pouco na inflação do Marco, vendeu ainda a casa, dessa vez contudo, com maior inteligência, fez uma ou algumas bobagens na vida prática, (...). Através dele nosso velho estabelecimento comercial de quase 200 anos de existência foi dissipado, com ele, já que até agora ficou solteiro, parece que a linha europeia da família estará algum dia extinta. (Lutzenberger, 1935, p. 31)

A peculiar visão crítica de Lutzenberger sobre os fatos biográficos de sua família, de cuja opinião ou perspectiva dos acontecimentos não temos acesso, corrobora o argumento da escritora espanhola Rosa Montero (2003), quando compara não só a modificação de nossas próprias recordações de acordo com o amadurecimento, mas como cada membro de uma família lembra de um determinado acontecimento: “O que contamos hoje sobre a nossa infância não tem nada a ver com o que contaremos dentro de vinte anos. E o que você lembra da história comum familiar costuma ser completamente diferente daquilo que seus irmãos lembram” (Montero, 2004 [2003], p. 12).

Nos deparamos então com um importante relato em primeira pessoa, onde o íntimo de Lutzenberger é exposto, memórias que expõem para o público familiar a(s) ruptura(s), os Lutzenberger abandonariam a *Schwarzkunst* e depois a Alemanha<sup>4</sup>. A gráfica meio à deriva fica a cargo do irmão, que acaba desistindo igualmente da ideia. Não só o país, a Alemanha, estava sem rumo, mas a sua família também enfrenta as agruras da derrota. O esforço de tantas gerações é reduzido assim a poucos recursos. E “ouvimos” do próprio Lutzenberger o esclarecimento, que ganha força e maior legitimidade. O testemunho tem a virtude de ampliar e reforçar um ponto de vista, e pode mais, ao caracterizar a sociedade também. A memória tem o caráter único, individual, mas é um importante fator para a compreensão global no fazer histórico. Não são só os Lutzenberger que passam dificuldades, mas essa é também a nova realidade para os cidadãos do país germânico.

Temos assim um foco na vida pessoal, na Guerra e, de maneira consciente por parte do autor, Lutzenberger, em sua autobiografia: ele determina aquilo que acredita ser o prioritário em seu relato.

---

<sup>4</sup> Seu irmão não teve filhos e com a sua morte esse ramo da família teria se “mudado” para o Brasil.

A guerra é menos traumática que a derrocada em si, o autor, segundo parece em seu próprio relato, adequou-se perfeitamente à vida de soldado: “Apesar de tudo, devo confessar que a época da guerra, apesar dos momentos mais difíceis e em parte o maior fardo mental possível – (...) – pertence aos tempos mais belos e mais orgulhosos da minha vida.” (Lutzenberger, 1935, p. 51). Mais da metade de suas memórias é dedicada às anedotas do conflito. São pormenores descritivos de batalhas, às vezes constatações tristes de natureza pragmática, noutros, o autor vangloria-se de ter aconselhado superiores e ter achado soluções para alguma crise. Coloca ainda o depoimento de dois oficiais sobre seu destacado desempenho. Ocupa duas páginas com a lista das batalhas que participou. O documento manuscrito, da autobiografia, foi datilografado, ainda em alemão, pela sua neta Ema que, curiosa pelas memórias do avô, realizou tal tarefa, facilitando o acesso para os demais membros da família. Podemos notar que os locais de batalha ou as histórias de guerra possivelmente não eram familiares para ela, já que a maioria deles foi escrita com constantes erros de grafia, o que dificultou nossa localização e tradução posterior. Dessa forma observamos o quão importantes foram as batalhas e a posterior descrição de nomes e locais para o autor, muito mais relevantes para ele do que para sua família.

O autor pretende destacar o que é importante para ele, isto é certo. Pretende também, expor o que sempre foi relevante para sua linhagem e recuperar a história para mostrar de onde seus filhos se originaram. Ele certamente não acredita estar escrevendo uma obra de ficção embora, de certa forma, seu relato apresenta apenas uma versão dos acontecimentos, com o objetivo claro de deixar seu entendimento do que ocorreu. Segundo Benjamin (1994 [1985], p. 198), “[...] a experiência que passa de pessoa para pessoa é a forma a que recorrem todos os narradores.”. Para Montero (2004 [2003], p. 12), “(...) nós inventamos nossas lembranças, o que é o mesmo que dizer que inventamos a nós mesmos, porque nossa identidade reside na memória, no relato da nossa biografia.” Embora use recursos autodepreciativos como forma disfarçada para elogiar-se, fica claro para o leitor certo rancor e frustração do autor ao não alcançar a fama e a prosperidade sonhadas no início de sua vida. O arquiteto tem claramente, também quando migra para o Brasil, a intenção de ser bem sucedido financeiramente e culpa os revezes da vida por tê-lo impedido de alcançar o seu plano:

Não tivesse tido eu experienciado o azar da pátria – pessoalmente a infelicidade familiar e completa perda de patrimônio através da inflação, que deixou lá tudo colapsar, tanto que eu agora tinha que sustentar o pai e tia Rosa com todos os esforços – eu poderia, na verdade, ter ficado satisfeito (Lutzenberger, 1935, p. 83).

Assim sendo, em vez do relato de grandes feitos, Lutzenberger aqui incorporaria a figura descrita por Benjamin, segundo Gagnebin,

O narrador também seria a figura do trapeiro, do *Lumpensammler* ou do *chiffonnier*, do catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder (2009 [1985], p. 53).

Nesta colagem das recordações, além do percurso pessoal e familiar, o autor também acompanha a história, a cultura e hábitos de seu país natal e da futura morada, bem como a construção do seu entorno: “Ainda na minha infância, o nosso grande e profundo porão estava cheio de galerias inteiras de pedras litográficas desenhadas com as quais, mais tarde, em algum lugar, algo foi pavimentado.” (Lutzenberger, 1935, p. 18) E dessa forma confirma, segundo Gagnebin (2009 [2006], p. 54), que “o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda”. Posteriormente, outra anedota chama atenção e reforça o entendimento histórico da época, (final dos anos 1920), principalmente para os moradores de Porto Alegre que conhecem um pouco da história da cidade:

Nesse meio tempo, nos mudamos mais uma vez, a última vez para a parte de trás da Rua da Praia, onde estava o nosso sublocatário o consulado alemão daquela época – quase pagante de todo o aluguel –, pois, naquela altura, para o administrador, a nossa firma miserável tinha mais credibilidade do que o Império Alemão daquela época (Lutzenberger, 1935, p. 83).

É quase inacreditável nos dias de hoje que algum dia a Alemanha possa ter sido um pagante pouco confiável. Além desta memória outras visões sobre a pátria natal e a nova pátria são exploradas pelo autor, supostamente apenas narradas os fatos, mas nos presenteando sempre nas entrelinhas com a sua opinião.

Percebe-se assim que a escrita nunca é isenta, mas o exercício crítico deve ser almejado, pois:

Essa exigência de verdade aproxima a biografia da disciplina histórica, cujo fundamento maior se situa no respeito de um contrato de verdade definido como tal desde Tucídides<sup>5</sup>. A verdade sempre foi a ambição da escrita do historiador, ainda que seu modo de subjetividades permaneça para sempre incompleto, enunciando-se numa linguagem sempre equívoca, tensionada entre o passado e o presente (Dosse, 2009 [2005], p. 408).

---

<sup>5</sup> Tucídides, (460 a.C. - 400 a.C.) celebrado como um dos “pais” da História na Grécia Antiga, pois ignorou os deuses ao descrever os relatos de guerra na obra: História da Guerra do Peloponeso.



Portanto, para se escrever uma narrativa “verídica” como se presume a biografia, apela-se para recursos alheios aos fatos isolados, puros sem novas deformações, ou seja, mesmo na autobiografia há o espaço para a confecção de novas tramas.

Dito isso, observamos diversas anedotas do período de guerra que Lutzenberger rememora com entusiasmo, não transmitindo o caráter mais denso e desolador que é vivenciar num conflito bélico. Ele começa falando da euforia pelo início da guerra. O arquiteto e os demais combatentes não conseguiam esperar para entrar em combate: “Se tivesse acontecido comigo três anos mais tarde, eu teria tranquilamente esperado sobre minhas quatro letras até que o cumprimento de novas ordens não pudesse mais ser evitado” (Lutzenberger, 1935, p. 54). Mas o jovem tinha, naturalmente, a expectativa da recompensa e o medo de que não haveria tempo hábil para lutar: “Naquela época, porém, eu tinha pressa, eu queria ir antes de a guerra acabar, então, por iniciativa própria “me meti na França” (Lutzenberger, 1935, p. 54). Então, logo se dá conta de que tipo de aprendizado ele iria encontrar nos próximos anos

Afinal de contas, estávamos na frente, até mesmo mais perto do que sabíamos no momento, ficou sério e logo tivemos a chance de nos admirarmos sobre a realidade da guerra, seus conceitos de tudo virado ao contrário, de moral e direito, as únicas orientações que agora valiam eram camaradagem e disciplina (Lutzenberger, 1935, p. 54).

Lutzenberger também nos traz, junto com a empolgação pelo empenho bélico (“(...) vivenciei as formidáveis impressões da grande mobilização, era imponente como todas massas confluentes de homens e cavalos transformavam-se em belas tropas” (Lutzenberger, 1935, p. 51), a crítica de como os grandes homens e supostos sábios líderes que deveriam conduzir o povo não tinham ideia do que estavam fazendo:

Ninguém se dava conta, naquela época, o quão lamentavelmente desmiolada foi a condução diplomática nos bastidores do entusiasmo pátrio. Escutar ou ler isso, mais exatamente, foi uma das experiências mais amargas do período do Pós-guerra. (Lutzenberger, 1935, p. 51).

Dentro do movimento da guerra, o arquiteto que, durante toda sua narrativa expõe sua paixão por cavalos – bem escasso na Europa e, mais tarde, fascinantemente abundante nos Pampas gaúchos –, relata uma ocasião em que, por sorte, parece ter encontrado um cavalo:

(...) eu me alegrei por um momento quando vi correr por mim, numa rua abandonada, um cavalo – estávamos, apesar de sermos oficiais cavaleiros, sempre à caça de cavalos, selas etc. – aparentemente com o selim na barriga, mas fiquei seriamente



decepcionado quando o animal parou diante de mim tremendo, a suposta sela com um corpo aberto e os arreios/cordas aparentes haviam sido envolvidos nas pernas na corrida enquanto revelavam as tripas (Lutzenberger, 1935, p. 55).

Histórias envolvendo quadrúpedes são recorrentes nas memórias de Lutzenberger. Conta jovialmente: “Roubar cavalos – eles pertenciam por fim todos ao Estado – era naquela época muito praticado, com todos os truques, como cortar os rabos, pintar etc.” Lutzenberger (1935, p. 68) e, de forma mais dramática, para ilustrar o valor do soldado para um pragmático oficial superior:

À noite, muito transporte de material com perdas diárias. Sugerir para o superior, em vez de muitos carregadores, consertarem a estrada e avançar a cavalo a galope. "Muito bem" disse ele, "Mas aqui entre nós, um cavalo perdido eu não consigo nunca mais, reposição de homens, em poucos dias, com um telegrama" (Lutzenberger, 1935, p. 58).

Ao contrário de uma percepção leiga de que na Primeira Guerra Mundial não houve grande inovação tecnológica, o tenente Lutzenberger relata diversas manobras que mostram a evolução armamentista (o costume inicial do combate corpo a corpo; a ênfase nos granadeiros, no auge das trincheiras; a introdução dos ataques com gás e, posteriormente, dos bombardeios aéreos). Outras estratégias e manobras para enganar o inimigo também eram utilizadas em larga escala. O autor relata como, novamente de forma jovial, o exército alemão provocava o adversário a desperdiçar sua munição:

Crucial para a escassez de munição daquele tempo para ambos os lados, era, que nós, mais por diversão, construíamos gradualmente, em algum lugar bem visível para os franceses, algumas pontes inúteis. Quando ficava escuro, rapidamente na margem corriam lanternas para lá e para cá, os franceses que estavam esperando cuspinham suas granadas disponíveis e nós recuperávamos então algo, que de longe se parecia com uma ponte. Pela manhã estava de novo lá e os franceses sacrificavam pedaços de ferro para sua raiva que teriam destruído outros locais para nós (Lutzenberger, 1935, p. 56).

Às vezes, por algum motivo o relato de Lutzenberger faz a guerra parecer uma brincadeira juvenil e os problemas e desafios são todos resolvidos de forma inteligente e espirituosa pelo protagonista-herói:

Também já fui preso como espião, pois estava visitando em uma bela velha fazenda – casas tornaram-se algo raro para nós – que era, porém, exatamente um quartel de comandantes dos Würtemberger. Mas eu parecia mesmo suspeito. Nós, oficiais bávaros, trajávamos naquela época, por causa das constantes lutas corpo a corpo, sobretudo sem insígnias, por isso – no passeio – o gorro oficial, pareceu ao posto, suspeito. Duas patrulhas me capturaram – naturalmente sem resistência –, mas com

um telefonema e alguns conhaques a situação estava resolvida (Lutzenberger, 1935, p. 55).

Ao longo da leitura observamos que, o motivo da irritação do autor, não é a guerra em si e os horrores que ela traz consigo, mas a ineficiência e a incapacidade dos superiores de guiarem seus subordinados da melhor forma possível. Lutzenberger relata um momento em que expõe discretamente a covardia de um major prussiano:

Um major prussiano, soldado da papelada, determina as posições dos granadeiros no mapa. Eu expliquei a impossibilidade, aí o cara diz para o nosso chefe comando-geral: "seu granadeiro parece ser bem cauteloso." Ele fez uma careta, é verdade que apenas mudo, mas eu pedi permissão para mostrar pessoalmente para o major, na noite seguinte, as posições designadas. Aí o homem mudou de assunto (Lutzenberger, 1935, p. 61).

Em seguida, já no final da guerra, narra as consequências da incompetência das lideranças alemãs: "Nós recebemos, até mesmo simultaneamente, 2 ordens elaboradas de ataque completamente diferentes." (Lutzenberger, 1935, p. 69); e a frustração, inclusive de outros companheiros de armas, pelo resultado da operação fracassada: "O comandante de brigada, General TH; com quem eu falei brevemente depois do ataque, disse-me literalmente: "Este ataque foi um crime!" (Lutzenberger, 1935, p. 69).

Sempre que nos deparamos com relatos tão vívidos da guerra é natural que os tomemos como verdade absoluta. No entanto, deve haver sempre uma desconfiança do testemunho enquanto "documento histórico". Para Ricoeur, não faz sentido a expectativa da fidelidade da memória à realidade do que aconteceu, pois "[...] toda memória, por ser seletiva, já é distorção; apenas se pode opor então, a uma versão parcial, outra versão igualmente frágil" (Ricoeur, 2007 [2000], p. 339). Ricoeur continua lembrando que sempre será uma escolha do leitor crer ou não no que ele lê, dado que "a fidelidade ao passado não é um dado, mas um voto. Como todos os votos, pode ser frustrado, e até mesmo traído" (Ricoeur, 2007 [2000], p. 502). Isso posto, confiar ou não na memória dependerá muito mais de uma adaptação de expectativa do que de uma garantia em si.

Ainda assim, é lugar comum afirmar que um número cada vez maior de teóricos não deixa de prescindir do testemunho, ou seja, do relato memorialístico, para a composição do que entendemos hoje por história. Segundo Beatriz Sarlo,

Se há três ou quatro décadas o "eu" despertava suspeitas, hoje nele se reconhecem privilégios que seria interessante examinar. É disso que se trata, e não de questionar o testemunho em primeira pessoa como instrumento jurídico, como modalidade de

escrita ou como fonte da história, à qual em muitos casos ele é indispensável, embora crie o problema de como exercer a crítica que normalmente se exerce sobre outras fontes (2007 [2005], p. 21).

### Considerações finais

Apesar de ainda não estar publicado, nem tampouco disponível como documento histórico, o texto escrito por Lutzenberger constitui-se como um riquíssimo material de pesquisa tanto para a área da literatura bem como da história. Estamos em conversa com a família negociando uma possível publicação comentada do material. Com a tendência atual de estudo de fontes tanto documentais históricas, quanto testemunhais e literárias, autores como Ricoeur atestam o valor da memória como elemento essencial da história, caracterizando o ofício do historiador como incompleto e a acolhida deste acordo como essencial para seu trabalho:

A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta, na medida em que seu sentido se mantém confuso, misturado... [...] O método histórico só pode ser um método inexato... A história quer ser objetiva e não pode sê-lo (Ricoeur *apud* Le Goff, 1992 [1988], p. 21).

Portanto, concordando com Le Goff (1992 [1988], p. 9), “[...] a história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer ‘Eu vi, senti’. Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica”, não devemos apenas aceitar as delimitações impostas por argumentos puristas ultrapassados que nos impeçam de buscar novas formas de aproximação do passado. Sendo a memória seletiva, cabe a aquela que as escreve, dosar, escolher ou priorizar o que tem a dizer. Neste sentido, priorizar as “aventuras” equestres é uma escolha que traz consequências para a autobiografia de Lutzenberger, pois sabemos que uma guerra de 4 anos é raramente intercalada por cavalgadas, mesmo que no texto original essa relação de eventos não fique bem clara. Novamente cabe ao leitor e, em última análise ao historiador tomar partido das memórias, fazendo um uso mais racional das mesmas.

Para Ricoeur,

A história pode ampliar, completar, corrigir, e até mesmo refutar o testemunho da memória sobre o passado, mas não pode aboli-lo. Por quê? Porque, segundo nos pareceu, a memória continua sendo o guardião da última dialética constitutiva da preteridade do passado, a saber, a relação entre o "não mais" que marca seu caráter acabado, abolido, ultrapassado, e o "tendo-sido" que designa seu caráter originário e, nesse sentido, indestrutível (Ricoeur, 2007 [2000], p. 505).

Então, embora tenham objetivos diferentes, Literatura e História podem se ocupar da memória de forma mais ou menos comprometida com a mesma importância. Nos dias de hoje, portanto, a memória adquire a essência de um testemunho do vivido; sendo assim, sua validade é incontestável. O conceito de "memória", a partir da citação de Schönplflug, afirma que ela não pode ser simplesmente arquivada ou armazenada, pois implica imprecisão, sentimento e impressões que só uma testemunha humana pode captar e é por demais subjetiva. Registros documentais nunca poderão oferecer a mesma experiência que o relato de um participante. Porém esta experiência não será organizada lógica e linearmente como um documento oficial ou poderá ser acessada tal como abrir um arquivo. Precisamos, dessa forma, reconhecer o alerta de Daniel Schönplflug em sua obra *A era do Cometa*:

Este livro não deve, de maneira alguma, ser confundido com uma representação objetiva de fatos históricos, merecendo ao contrário, ser lido como uma colagem de testemunhos que representam as vivências que um grupo multifacetado de personagens teve dos anos próximos a 1918, assim como suas experiências, lembranças, representações, interpretações e descrições de caráter estritamente pessoal (Schönplflug, 2018 [2017], p. 288).

Ou, em outras palavras, a memória preserva lacunas e esquecimento, mas também adições inventivas. Ainda assim, segundo Paul Ricoeur (2007[2000], p. 26), “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança”. Às vezes o que não nos é contado nos diz mais do que o que é dito. E a colagem caótica da memória torna a história de cada um mais autêntica e a história da própria humanidade mais completa e rica. Pode não servir como prova jurídica ou documental, mas complementa uma lacuna importante na composição da nossa jornada.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1985], p.197-221.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico** Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009 [2005].

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009 [2006].

LUTZENBERGER, Joseph. **Unsere Vorfahren und wir** [nossos antepassados e nós (Autobiografia)]. Manuscrito não publicado [em alemão], Porto Alegre, 1935.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1992 [1988].

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2004 [2003].

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Unicamp, 2007 [2000].

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [2005].

SCHÖNPFLUG, Daniel. **A era do cometa: o fim da primeira guerra e o limiar de um novo mundo**. São Paulo: Todavia, 2018 [2017].

SILVA, Wilton. Espelho de Palavras. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Grafia da vida Reflexões e experiência com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

UMBACH, Rosani Ketzer. Violência, memórias da repressão e escrita. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (orgs.). **Escritas da violência, vol. 1: o testemunho**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.